

A morte está no querer: liberdade, desejo e culpa em *A sereia*

Andreia Alves Monteiro de Castro *

RESUMO: Este artigo apresenta como o discurso epistolar de Camilo Castelo Branco se vale do discurso amoroso, sobretudo epistolar, para criticar as doenças sociais do Portugal dos oitocentos. Essas injustiças estariam diretamente relacionadas aos valores do Antigo Regime, que ainda persistiam na nação que se queria moderna e igualitária. Gaspar e Joaquina irão até as últimas consequências para viver a sua história de amor. Mas desesperançados atentam de maneira extrema contra todos os preceitos sociais e religiosos, comprovando que o amor parecia não ser sempre o bastante para vencer aquele “inexorável mundo”.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso epistolar. Desejo. Camilo Castelo Branco.

ABSTRACT: This article presents how the epistolary discourse of Camilo Castelo Branco uses the sentimental discourse, mainly epistolary, to criticize social ills of nineteenth-century Portugal. These injustices were directly associated to the values of the Old Regime, which persisted in the nation that wanted itself modern and egalitarian. Gaspar and Joaquina will go till the bitter end to live their love story. However, hopeless violate an extreme way against all social and religious precepts, proving that love seemed not always to be enough to overcome that "inexorable world".

KEYWORDS: Epistolary discourse. Desire. Camilo Castelo Branco.

Em *A sereia*, um romance ainda quase desconhecido pelo público e pouco abordado pela crítica, o costume do narrador camiliano de garantir contar “uma história acontecida de que teve notícia” (COELHO, 1946, p. 597) parece não ser mero fingimento. A provável fonte desta narrativa, um manuscrito do século XVIII intitulado *Carta de um amigo a outro, escrita no Porto, ou a história da vida de D. Joachina Antonia chamada a Sereia*, teria sido encontrada e publicada, em 1830, por Júlio Dias da Costa.

As muitas coincidências e divergências existentes entre os dois textos confirmam a ideia de que “Camilo partia muitas vezes duma história verídica, embora depois a modificasse” (COELHO, 1946, p. 597) em conformação com o seu estilo ou ideário.

Do tal manuscrito, Camilo eliminou a relação homossexual da protagonista com uma freira no convento; a noite de amor vivida entre a *Sereia* e um estudante, na altura

* Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, sob orientação do prof. dr. Sérgio Nazar David.

em que ela ainda estava na casa do irmão e a vida de prostituição, a qual a jovem se entregou no final da história.

O que autor parece ter “aproveitado” da *Carta* foi, fundamentalmente, a base factual centrada na relação entre Joaquina Antónia, que no romance se chama Joaquina Eduarda, e o estudante, inominado no manuscrito e batizado como Gaspar de Vasconcelos no romance.

Na estrutura narrativa outro fato se destaca. As trocas epistolares têm tamanha importância e funcionalidade que, segundo Serafina Martins, “o evoluir da intriga depende, praticamente na totalidade, das cartas” (MARTINS, 2005, p. 15), chegando mesmo a correspondência amorosa a unir, separar e até encaminhar para a morte os enamorados Gaspar de Vasconcelos e Joaquina Eduarda, conforme observa em dado momento o narrador: “Está, portanto, reatada a correspondência: a mão da insidiosa desgraça soldou os fuzis quebrados daquela cadeia, cuja última argola... Deus sabe em que ignomínias e catástrofes está chumbada!”(CASTELO BRANCO, 2005, pp. 86-87).

O triste fim do casal é apregoado constantemente no decorrer da narrativa. Isto se verifica já na epígrafe, que anuncia a “não fabulosa, ou sonhada estória” dos “castigos justamente merecidos”¹; nos “melancólicos tercetos”, através dos quais o eu lírico lamenta o findar da “pobre moça caída” tragada pelos “abismos da morte”(CASTELO BRANCO, 2005, pp. 27-28); nas falas “premonitórias” de diferentes personagens, como no aviso de António de Souza, cunhado da moça – “Estas mulheres de condição muito afidalgada e rebelde em amores, são como as pessoas muito saudáveis: chega uma hora em que a primeira doença mata umas, e primeiro amor perde as outras”(CASTELO BRANCO, 2005, pp. 43-44); ou na carta da Tia Joana, uma exemplar esposa de Cristo, para o sobrinho, Sebastião Godim: “Enfim, esta menina tem condão de sorte má”(CASTELO BRANCO, 2005, p. 79).

Esse “amor de perdição”² aflora impetuosamente. Bastou uma troca de olhares para despertar uma irresistível atração entre Gaspar e Joaquina. No entanto o sentimento entre os dois já nascia interdito. O pai do rapaz, um rico fidalgo, “destinava-o a casar-

¹ Camilo emprega como epígrafe um trecho da *Elegiada* de Luis Pereira: Verdades... dinas de memória/ Castigos justamente merecidos,/ Não fabulosa, ou sonhada estória/ Que engana peitos, e embaraça os ouvidos. Ver: CASTELO BRANCO, Camilo. *A Sereia*. Porto: Caixotim, 2005, p. 29.

²Referência a Amor de Perdição, o romance mais popular de Camilo Castelo Branco.

se com uma prima carnal”, um “negócio tratado”. Do contrário, “como filho ilegítimo, não haveria sequer alimentos da casa paterna” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 45). Joaquina, por sua vez, era órfã e não possuía um dote substancial para garantir-lhes a subsistência dos primeiros anos de bodas.

Desta forma, “a condição feminina e a condição masculina aparecem como sendo igualmente condições precárias” (SANTOS, 1992, p. 42). Na época, os homens solteiros, na qualidade de filhos, estavam do mesmo modo sujeitos à autoridade paterna, e geralmente os seus sentimentos e vontades eram irrelevantes. As principais decisões cabiam ao pai, senhor pela lei e pelo dinheiro, que por isto exercia sobre os seus “dependentes” um grande controle. A desobediência às determinações paternas poderia resultar em punições de diversos tipos, significando em alguns casos a exclusão dos filhos na participação do patrimônio da família. Esta submissão era mais acentuada para os oriundos de relações extramatrimoniais, visto que dependiam do reconhecimento jurídico para “suceder” ao pai falecido.

Naquela sociedade, seguindo à risca os preceitos sociais e familiares, os homens teriam garantida a possibilidade de ultrapassar este estado de completa submissão, “transformando-se em vítimas da lei para seu executor, de oprimido a opressor” (SANTOS, 1992, p. 42), ascendendo à posição de marido, de pai, de chefe de família. O mesmo não ocorria com as mulheres, que sempre precisavam buscar outros meios, valem-se das brechas já existentes naquela estrutura social, para realizarem seus anseios sexuais ou amorosos.

Devido aos impedimentos, Gaspar e Joaquina decidem justamente trilhar uma dessas rotas alternativas. O casal não se deixa abater e garante uma forma de se corresponder em segredo. Na impossibilidade de um encontro, as primeiras declarações e juras de amor por eles permutadas se realizam pela escrita. O rapaz, exultante, remete pelas mãos de um empregado, previamente recompensado, um hiperbólico bilhete: “Antes morrer que não tornar a ver V. Ex.^a. Se for sua vontade, irei procurá-la ao fim do universo. Escreva-me V. Ex.^a. Peço-lhe com as mãos erguidas. G. de Vasconcelos” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 53). A moça em “doudo contentamento” responde desejando definir os próximos passos daquela relação:

Se eu pudesse vê-lo, seria menos desgraçada. É o primeiro homem que amo, e amarei até ao fim da vida. Fico ao pé de Barcelos, na freguesia de Bastuços. Como hei-de eu vê-lo, sem ser descoberta? Não sei. Tenho um irmão que há-de ser mais severo que um pai. Não me esqueça, e esperemos a sorte. J. Eduarda (CASTELO BRANCO, 2005, pp.53-54.).

A súbita alegria da moça denuncia a todos a existência de seu amor clandestino. “Não tardou a desconfiança” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 42) do irmão, o padre Sebastião Godim. O clérigo, no entanto calou-se, permanecendo em vigília, para em momento oportuno averiguar as suas dúvidas. Até o dia em que o mensageiro descuidado acaba sendo surpreendido debaixo da janela de Joaquina, após uma troca de bilhetes. O acontecido interromperia a correspondência clandestina entre os enamorados, separando-os pela primeira vez:

Surgiu de repente á quina do cunhal da casa, e viu retirar-se o mesmo homem debaixo duma janela. Desandou era redor do passal, e saiu-lhe á frente. Acercou-se do homem, lançou-lhe a mão à lapela da jaqueta, e disse-lhe: A carta que levas! Não te demores em dar-ma, senão quebro-te os braços.
– Está aqui, senhor – disse o homem aterrado, e entregou-lha.
– Espera! – ajuntou Sebastião Godim.
Leu a carta, dobrou-a, voltou-se placidamente ao criado de Gaspar, e disse-lhe:
– Vem comigo, que não te faço mal.
O homem seguiu-o.
– Espera-me aqui – disse o padre entrando ao quinteiro da residência.
Subiu ao seu quarto, e escreveu em meia folha de papel: A carta dirigida por Joaquina Eduarda ao Sr. Gaspar de Vasconcellos fica em poder do filho de Fernão Casado Godim.
Saiu ao patamar, chamou o criado, e disse-lhe:
– Entrega isto a quem te mandou (CASTELO BRANCO, 2005, pp. 57-58.).

O religioso decide não punir a querida irmã, talvez por julgá-la a parte mais fraca e suscetível do casal, apenas inquirindo-lhe sobre a sua intenção ou forças para romper com aquela “impensada união”. A resposta negativa encaminhou o padre rumo a Braga, cidade onde residia a família de Gaspar. Na certeza de não poder contar com o beneplácito de Pedro Vasconcelos, Sebastião Godim roga ao pai de Gaspar que pelo menos o ajude na defesa da menina face à “sedução de seu filho”, pois a “vontade e autoridade de pai podem muito, a de irmão pouquíssimo”(CASTELO BRANCO, 2005, p. 60). O velho fidalgo garante tomar todas as medidas cabíveis contra o “malvado”, que persistia na infâmia de “seduzir a filha de Fernão Godim” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 60).

Este fato evidencia que, se a menina não tivesse origem e sobrenomes ilustres, o episódio seria “caso de pouca monta”, como foi o da “filha do chapeleiro”, mãe de Gaspar. Maria Pereira, seduzida e abandonada, não pôde criar o filho. Morreu fechada em um convento e sem macular a honra do seu sedutor. Pedro de Vasconcelos, embora diga lamentar e arrepender-se da “desonra a que ele vitimara uma família honesta, roubando-lhe a filha única”(CASTELO BRANCO, 2005, p. 187), permanece irredutível nas questões de vínculo e patrimônio, mesmo diante do grande sofrimento do filho.

A moça, sem esperanças de receber “novas de Gaspar”, “pensava em escrever-lhe; mas não tinha pessoa de quem confiasse uma carta, e menos ainda quem do correio lhe trouxesse a resposta” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 61). “Reclusa no seu quarto, ou passeando na sala escura da residência de velhas e nuas paredes, faltava-lho ar e sol” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 62). Joaquina decide então procurar a “liberdade no claustro” (SILVA, 1855, p. 51), numa tentativa de reatar a comunicação com o amado. Ela pede permissão ao irmão para ingressar no convento de Santa Clara, e por ele logo é advertida sobre os riscos e as contradições da vida conventual:

Observo-te, minha irmã, que nos conventos chora-se pouco e não se ora muito; pelo menos a eficácia das orações, nos tempos correntes, é moderada. Parece acertada a resolução de entrares em Santa Clara, se o teu fim é distraíres-te. Lá verás muita frivolidade, muita vaidade, muitas paixões ruins, muitíssima hipocrisia ao decair da vida, e raríssimos exemplos de sincera virtude. Se estes puderem mais em ti que os maus exemplos, abriga-te no seio de nossa tia, e esconde-te lá. Se os maus exemplos te seduzirem, de nada valerá o resguardo e conselhos da tia Joanna. Seja como for, Joaquina. Não serei eu que embarace a tua determinação (CASTELO BRANCO, 2005, pp.62-63).

Para a historiadora Michele Perrot, a mocinha não seria a única a pensar assim, uma vez que, naqueles idos, “os conventos eram lugares de abandono e de confinamento, mas também refúgios contra o poder masculino e familiar” (2007, p. 84).

Então, Joaquina arruma os seus baús, muito satisfeita com o rumo dos acontecimentos, despertando suspeitas em Sebastião Godim. O padre trata de desenganá-la com uma carta de Pedro de Vasconcellos. Novamente a escrita epistolar recebe destaque e movimenta a trama. Nesta missiva, o fidalgo assegura “que o filho estava a concluir a formatura na Universidade, e lhe jurara nunca mais inquietar a Sr.^a

D. Joaquina”(CASTELO BRANCO, 2005, p. 61). A moça, mesmo ressentida e angustiada, segue para o refúgio religioso.

A estada da protagonista no convento de Santa Clara proporciona um exame detalhado sobre os tipos que lá circulam. Há devotas impolutas e severas cujo radicalismo em matéria religiosa, muitas das vezes, lhes conduzia às raias da tirania. Há também “freiras da má nota”, que permanecem junto às grades ou no mirante em “arraiais de amor”(CASTELO BRANCO, 2005, p. 66) com religiosos, militares e acadêmicos.

A crítica de Camilo, neste passo, parece não incidir apenas sobre a falência do sistema eclesiástico oitocentista. Também diz respeito à forma com a qual cada indivíduo se relaciona ou concebe a religião. A inveja, o fanatismo e a injustiça são muitas vezes apresentados como parte da vida humana. O convento não é, e nem poderia ser, imune a tudo isto, conforme afirma a tia da menina: “Isto aqui dentro, filha, é um mundo pequeno: há bom e mau” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 52).

De fato, a vida que Joaquina Eduarda levava na clausura era bem mais movimentada do que aquela na residência do irmão. Após uma semana, “assaz aborrecida” de rezar para a “superabundância de santos e santas” de devoção da parenta, Joaquina Eduarda “emancipa-se”. A noviça troca a monótona companhia da tia, a sóror Joana do Rosário, pela das “religiosas menos empoeiradas do convento”, e em pouco tempo descobre a existência de “uma grade chamada de galhofa” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 66), lugar onde concorriam os “pretendentes” das freiras e noviças mais folgazãs. “Se as paredes dos conventos falassem, que intrigas, que escândalos, que aventuras curiosas nos não refeririam!” (SILVA, 1855, p. 51).

Na tal “galhofa”, a espevitada mocinha não só consegue obter notícias de Gaspar como também volta a encontrá-lo. O rapaz, por escrito, justifica a sua ausência “até à superfluidade”, afirmando que a sua “paixão levara-o aos braços da morte”. Os colegas estudantes já “o consideravam tísico”. Gaspar preferiu “agonizar em silêncio, a matar-se de um golpe de suas próprias mãos” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 68). Esta seria uma das evidentes referências à tuberculose como um suicídio passivo na obra de Camilo.

Em sua vastíssima obra, muitas personagens se deixam levar pela desejada *Tísica*³, um mal na época considerado como a morte passiva prototípica, uma espécie de suicídio, em que o sujeito “se deixa” morrer (SONTAG, 2007, p. 27). E esta não seria, neste romance, a última tentativa de suicídio cometida pelo rapaz, sempre “esmagado pela prepotência do pai” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 68).

Neste ponto, Joaquina e Gaspar amavam-se “com a seguridade, confiança e liberdade de esposos separados por seis palmos de parede-mestra interposta a duas reixas de bom ferro sueco.” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 74) Os “noivos” planejavam o casamento para depois da formatura do moço, quando ele poderia exercer seu ofício e garantir-lhe o sustento. Embora o narrador logo desabilitasse as pretensões de Gaspar, afirmando que o travesso estudante “não sabia uma lei do Digesto” e “nem um artigo das Decretais” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 72).

A felicidade dos dois não duraria muito. O comportamento rebelde da moça era demasiadamente inoportuno até mesmo para as “flexíveis” normas do convento. Joaquina Eduarda não mantinha os hábitos e, sobretudo, não seguia a discrição necessária ao noviciado. Quando não estava se deleitando escrevendo a Gaspar, “era apanhada em corrimaças e alaridos pelo pomar ou no mirante, ou à saída das grades de galhofa” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 73). Suas atitudes desagradavam tanto às freiras galhofeiras, “emulas da formosura dela”, quanto às mais austeras, que, preocupadas com a publicidade dos atos de menina, passaram a exigir de Joana do Rosário a retirada daquele “mau exemplo de outras seculares, e braço poderoso do inimigo para perdição das noviças” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 77).

Nessa passagem, Camilo parece assegurar que, naqueles idos, para conseguir respeito e prestígio, dentro e fora dos monastérios, o essencial não era seguir os conceitos morais e religiosos, mas afirmá-los publicamente, conforme fizeram “algumas dúzias de pecadoras, que, chegadas à idade de D. Joana, enganaram o demônio, e morreram como predestinadas, segundo consta dos fastos legendários de Sta. Clara” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 73).

³ Várias personagens de diferente romances do autor morrem de Tuberculose, como Teresa, de *Amor de Perdição* e Augusta, de *Um homem de Brios* e Raquel e Virgínia, de *Memórias de Guilherme de Amaral*.

Então, a sóror escreve ao sobrinho queixando-se das atitudes de Joaquina. Na expectativa de apressar a visita de Sebastião ao convento, e assim livrar-se mais rapidamente daquele embaraço, Joana do Rosário conta tudo o que sabe sobre o namoro da menina:

Depois que eu soube, circunstanciadamente, que ela tinha chichisbéu que passava as tardes na grade, e vinha a isso de Coimbra, onde está a tomar grau de licenciado, não pude ter-me que não a repreendesse muito, até porque me mentiu sem necessidade. Não fez caso, e mandou-me tratar das coisas do céu, e não me intrometer na vida das raparigas. Acho que ela tem razão; mas eu também a tenho para a não querer comigo, que hei-de responder por ela primeiro a Deus, depois a este convento, e por fim à minha consciência (CASTELO BRANCO, 2005, p.78).

O padre recebe a carta, e a má notícia contida nela, enfermo. Desgostoso e abrasado por “ímpetos impróprios de seu ministério”, Sebastião Godim, sem nada poder fazer para solucionar os problemas da irmã, escreve a “Pedro de Vasconcelos nestes termos”:

Gaspar mentiu como vilão. Não pode ser filho de Pedro de Vasconcellos. A mãe devia de iludir a V. S.a para poder dar nome ao filho de algum laçao. Lamento-me de ser padre. Mal hajam os acasos da vida e da fortuna que me agrilhoaram honra e brios ás colunas do altar ! Sem mais.
Sebastião Casado Godim. (CASTELO BRANCO, 2005, p.79)

A sucessão de cartas dita mais uma vez o ritmo e o curso que a trama irá seguir. Pedro de Vasconcelos toma conhecimento da nova investida do filho. Envergonhado e humilhado com a situação e profundamente ofendido com as palavras do padre, o fidalgo exige que Gaspar se recolha a uma quinta em S. João de Rei, depois de ter-lhe dado uma surra com uma grossa bengala. Situação plausível e frequente naquela época, pois “bater na mulher e nos filhos era considerado um meio normal, para o chefe de família, de ser o senhor de sua casa – desde que se o fizesse com moderação” (PERROT, 2007, p. 77).

Joaquina também recebe um bilhete de Gaspar, no qual o rapaz relata os efeitos e os castigos recebidos em decorrência da “infernial carta” enviada por Sebastião Godim. A noviça de pronto desconfiou “da tia como denunciante, e insultou-a. Raivou contra todas as inimigas, e pediu aos céus que arrasassem o convento, aquele covil de

hipócritas e intriguistas” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 80). Queria voltar para a casa do irmão. Agora a liberdade do claustro parecia-lhe inútil. De tanto esbravejar e insultar tanto a sua tia Joana quanto as demais seculares, Joaquina passou a ser considerada uma “doida furiosa”.

Segundo Susan Sontag, uma criatura inquieta, imprudente, sujeita a excessos passionais, poderia ser considerada, no século XIX, como portadora de algum distúrbio mental. A loucura, também era associada à insubmissão e aos chamados desvios da sexualidade, e necessitava ser severamente contida, pois era vista como um “consumo, dispêndio, desperdício de vitalidade” (2007, pp. 35-57), podendo levar o indivíduo à morte.

A sóror, que rezava o “Magnificat” e benzia-se a cada injúria da sobrinha, mesmo considerando que Joaquina pudesse estar gravemente enferma, só se consternava com “arrependimento e escrúpulos” por estar de alguma forma envolvida na confusão. Sem sombra de piedade ou caridade cristã, a religiosa insiste na presença do sobrinho, rogando-lhe que “viesse depressa livrar o convento” daquela terrível aflição (CASTELO BRANCO, 2005, p. 81).

Os membros do casal, novamente separados, retornam “ao seio” de suas famílias. Mas não tardariam a encontrar outro meio de estabelecer “contacto, ou efetivo ou através das cartas, que circulam abundantemente à margem do conhecimento das figuras tutelares e vigilantes”(MARTINS, 2003, p. 206). No romance, a arrebatada paixão proibida tende a arrastá-los para uma existência em trânsito, na qual ora se aproximam, motivados pelo desejo, ora se afastam, devido à oposição familiar. Este movimento cíclico iria culminar na fuga, que, pela distância ou representatividade, seria a maior de todas as viagens. Para Joaquina Eduarda, caminho sem volta.

A radical solução foi sugerida pela moça: “Fujamos: onde puder ser, unamo-nos, e depois Deus será por nós. Se teu pai nos não perdoar, pode ser que meu irmão ou meu cunhado nos deem abrigo”(CASTELO BRANCO, 2005, p. 93). Na intenção de ganhar tempo e conseguir levantar uma considerável soma, para a derradeira partida, Gaspar finge aceitar o noivado com a prima.

Tratadas “as combinações da fuga, e avizinhado o dia almejado” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 109), Gaspar e Joaquina passam a experimentar uma contraditória

combinação de sentimentos. Sentiam remorsos pelo “crime” que iriam cometer, mas não tinham forças para ceder daquele intenso desejo:

Gaspar não podia explicar-se o quer que era de susto, amargura e desalento que lhe esfriava a resolução. Encarava nas cãs do pai, e escondia o assomo das lágrimas; olhava para dentro de si, e via-se deforme e sujo na consciência e na honra. Mas a este titubar dos espíritos acudia o coração, lampejava a imagem de Joaquina Eduarda, e logo os olhos se enxugavam, a consciência retraía-se, e a honra escurentava-se desluzida pelos incêndios do amor.

Ao mesmo tempo, a irmã de Sebastião Godim, cada vez mais estremecida dele, e cativa da magnânima alma com que o seu benfeitor fingia ter esquecido das levandades dela; olhava-o com tão piedoso e quebrantado lume de olhos [...] E chorava a sós, em quanto o anjo da desgraça lhe não passava pelos olhos a mão refrigerante, e não afogava no seu tremedal o anjo bom que lhe feria a ela o peito com o toque despertador de suas asas. Depois, era o desapertar-se o peito em doçuras de amante e de esposa, em esperanças de longa vida, com os honestos contentamentos da felicidade conjugal (CASTELO BRANCO, 2005, pp.109-110).

Já em fuga, a única cena de intimidade do casal descrita no texto é a de um recatado beijo na face: “Gaspar, quase subjugado pelo instinto esquisito dos beijos no inexcusável prazer do ósculo, do primeiro ósculo, quero eu dizer, na face virgem deles” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 113). Certamente por Camilo não ser, declaradamente, um escritor que pretendesse “devassar alcovas” (CASTELO BRANCO, 2006, p. 83), em *A Sereia*, apenas insinuações sobre o ato sexual são observáveis. O romance é permeado por um erotismo velado e reticente, mas suficientemente explícito para prender a atenção dos leitores.

Com atenção, é possível deduzir a “consumação das núpcias” no relato e na descrição da fuga dos enamorados. Num primeiro momento o narrador afirma que Gaspar e Joaquina “já por noite chegaram ao Porto, e recolheram-se cautelosamente a uma estalagem de Vila Nova de Gaia” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 113), e mais adiante relata que na manhã do dia seguinte, na hora em que Sebastião Godim “vertia novos prantos diante do leito de sua mãe, e de sua irmã, dormia ela o seu matinal e primeiro sono” naquela hospedaria (CASTELO BRANCO, 2005, p. 118).

Devido ao “valimento de Pedro de Vasconcelos com a igreja e com a magistratura” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 120), o casal, além de não conseguir o sacramento do matrimônio, se descobre perseguido pelo corregedor do crime, tendo que

sair o mais rápido possível do solo pátrio. Então, Gaspar e Joaquina escolhem Sevilha, a “cidade mais convizinha, mais própria a devaneios amorosos, e mais poética residência de amantes” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 121), para enfim repousarem dos sustos, que lhes “agourentavam as delícias do coração”(CASTELO BRANCO, 2005, p. 121). Aqui, a Igreja e a justiça são, uma vez mais, instituições a serviço dos interesses dos abastados e poderosos.

Os enamorados foram felizes enquanto durou “o ouro”. Eles riram muito, cantaram, dançaram e zombaram do mundo hipócrita e preconceituoso deixado para trás, lendo *D. Quixote*, e o *Grão Tacanho*, o *Lazarilho de Tormes*, e *Gusmão d’Alfanche*, e o *Diabo coxo*. Todas obras que criticam de forma irônica e impiedosa a sociedade na qual estavam inseridas.

Devido à origem ilustre, o casal foi recebido e admirado pelos patrícios expatriados que por lá viviam, sem embargo da sua condição clandestina. Todos queriam ouvir a maviosa da peregrina cantora, que, devido aos seus dotes, fora alcunhada Sereia. “Ora, se a felicidade não era aquele viver, se aquelas delícias não eram o prazer novo que o sibarita não chegou a descobrir, então não sei eu que haja gozar neste mundo!”(CASTELO BRANCO, 2005, p. 121).

Entretanto, os três mil e duzentos cruzados subtraídos de Pedro de Vasconcelos e Frei João estavam prestes a se findar. Era a incidência imperiosa do dinheiro, que se insurgia como elemento imprescindível à manutenção do relacionamento amoroso: “É o amor que vai fugindo à vanguarda da pobreza”(CASTELO BRANCO, 2005, p. 138), afugentado “pelas baixezas que nós rasamente chamamos almoço, jantar, ceia, aconchego, comodidades, e guarda-roupa abundante”(CASTELO BRANCO, 2005, p. 139).O amor, neste romance, não vence as barreiras das necessidades materiais, e a paixão “termina quando o princípio da realidade se impõe ao princípio de prazer” (MARTINS, 2003, p. 208).

Na verdade, tanto Gaspar quanto Joaquina se lançam naquela aventura contando com o perdão e o respaldo de suas famílias. Depois, desejavam até manter-se com rendimentos próprios, mas nem toda a função era adequada a um fidalgo, e não haveria um emprego apropriado para uma senhora.

Na iminência da ignomínia e da fome, o casal arrepende-se do que fez. Gaspar “já se espantava de sua fascinação e da cegueira com que se deixara perder, e mais ainda. O desgraçado lembrava-se de sua prima Paulina. Amá-la não podia; mas ouvia uma estúpida voz interior a dizer-lhe que devia conformar-se à vontade do pai, e aceitar uma esposa, que lhe não seria jamais na vida empeço aos gozos da mocidade” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 142). Joaquina entrevedo “o abandono, a miséria, ou a esmola recebida num convento de mão inimiga” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 141), que assim lhe pagaria “a desonra e o silêncio”, sentia saudade dos loureirais do passal de seu irmão, embora ambos também tivessem vergonha do arrependimento.

Aguilhado “pelos ditames da necessidade ameaçadora” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 132), Gaspar então escreve ao pai uma “longa carta, friamente pensada, com todos os patéticos duma engenhosa retórica”. Mas Pedro de Vasconcelos continuava inflexível, firme no que julgava ser a defesa da sua honra, e escreveu:

Receberei Gaspar em minha casa; mas solteiro. Prontifico-me a dar à criatura, que ele tem consigo, uma pensão anual que a sustente num recolhimento, em quanto a sua família a não sustentar. Ou isto, ou nada. Não respondo a mais carta nenhuma, contrária ao que levo dito. – Braga, 20 de Janeiro de 1765. – Pedro de Vasconcelos (CASTELO BRANCO, 2005, p. 132).

Ofendido, Gaspar se recusa a reservar para Joaquina o mesmo destino que Pedro de Vasconcelos reservou um dia à sua mãe. E num ato de fúria, replica ao pai: “Gaspar, filho de Maria Pereira, responde ao sedutor de Maria Pereira, que é menos vilão que seu pai” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 132). No entanto, deixa Joaquina em Sevilha e retorna a Portugal, para não mais regressar.

Gaspar, ao fim e ao cabo, segue o mesmo caminho de Pedro de Vasconcelos: deseja, seduz, abandona e sente culpa por isto. A diferença é que o rapaz não conseguiria seguir em frente, como fez o pai.

Quando encontra o velho fidalgo no convento de Tibães, Gaspar, que já tinha desejado a morte do pai, se choca com o estado dele. E desde então, passa a sentir remorsos:

Contemplou as cavadas feições do pai, que, em dois anos, tinham precocemente envelhecido. As alvíssimas barbas cobriam-lhe o peito. As costas das mãos descarnadas, com os tendões encorreados sobre os ossos, eram cadavéricas. As lágrimas derivavam a quatro nas faces do filho. E a consciência dizia-lhe: O que tu fizeste de teu pai, e daquela mulher feliz e pura, e do irmão virtuoso e extremoso daquela mulher... e o que fizeste de ti, algoz de quatro existências!(CASTELO BRANCO, 2005, p.153).

O rapaz é convencido a ficar, em consideração ao debilitado estado de saúde de seu pai. Sem ter saída, Gaspar envia a Joaquina uma carta dando conta da sua resolução, sugerindo que a moça entrasse para um convento de sua escolha, com o intuito de esperar o desenlace de Pedro de Vasconcelos, para novamente se encontrarem. Joaquina revoltada responde:

Agradeço a piedade dos teus. Não entro na clausura. Não tenho coração que dar a Deus. Como não sou estorvo à felicidade de ninguém, deixem-me chorar livremente fora de ferros, e esqueçam-me. A mim, para te esquecer, basta-me a separação duma pedra, que é a porta da eternidade. Adeus, Gaspar (CASTELO BRANCO, 2005, pp.169-170).

Certa de que não teria mais Gaspar de volta, e supondo que o futuro lhe seria a desgraça, a Joaquina enlouquece. Sem ter como garantir seu sustento, Joaquina sabia que estava condenada a viver da comiseração alheia, e parece não suportar os horrores que pensava estarem por vir, e se ausenta na loucura. A jovem, apresentada como audaz e destemida, que enfrentou todas as adversidades para concretizar os seus anseios, no entanto sucumbe ao desolador adeus do amado.

Para Gaspar de Vasconcelos, que não contava mais com o refrigério da religião, que se encontrava acaçapado pela culpa e cansado da sua existência infame, tomar conhecimento da demência de Joaquina Eduarda foi a gota d'água. O rapaz, que já se punia com uma vida austera, não consegue mais lidar com tantas dificuldades e tenta o suicídio.

Por um lado, o ato de Gaspar pode simbolizar a vontade de ser castigado, um sentimento profundo de culpa. Por outro, pode ser entendido como uma reação a tantas limitações que lhe eram impostas, um grito de um homem vencido. Seria “preferível o suicídio mais imundo à mais higiênica servidão” (SÊNECA, 1991, p. 269), conforme indica a sua última leitura, uma carta de Sêneca:

Há nada mais estúpido que ser delicado no morrer? Digno e generoso é o homem, cujo acabar de sua mão está. Vede-o com que bravura se embebe um punhal! A coragem com que se ele despenha às profundezas do mar, ou de alto a baixo por sobre espantosos fragedos! Quando todos os recursos lhe escasseavam, ainda tinha de seu com que dar-se a morte, para ensinar ao universo que o morrer está no querer. Pensem o que quiserem desta acção; mas concedam que a mais torpe morte é preferível à mais brilhante servidão (SÊNECA, apud: CASTELO BRANCO, 2005, pp.194-195).

A tentativa de suicídio não obteve sucesso, e o rapaz não consegue tomar em suas mãos o rumo de sua vida, sobrevive carregando uma sequela, “um tumor sanguíneo”(CASTELO BRANCO, 2005, p. 194), tinha “ali a morte certa para uma hora imprevista. Poderia viver meses, ou ainda anos, se o não sobressaltasse alguma forte comoção física ou moral” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 197). Desgostoso e enfermo, é ele quem parte para o claustro:

– Convento? – exclamou frei João – Por ventura desceu um raio da graça divina á tua alma, Gaspar?
– Não desceu raio de coisa nenhuma — respondeu Gaspar — Escolho o mosteiro porque é lá a solidão e o esquecimento; porque não verei lá mais as testemunhas desta enorme calamidade [...] (CASTELO BRANCO, 2005, p.198).

O casal permaneceria separado, até que uma série de fatos e coincidências faz com que Gaspar de Vasconcelos e Joaquina Eduarda regressem a Portugal ao mesmo tempo. Sebastião Godim escreve a Joaquina uma bela e emocionada carta. A moça, que já tinha obtido sensíveis melhoras, decide voltar ao convívio do irmão. Já Gaspar recebe uma missiva pedindo-lhe que acudisse ao chamado do pai que estava em perigo de vida. Outra vez o discurso epistolar é decisivo no desenrolar dos acontecimentos da intriga.

Ainda que tenham partindo de pontos distintos, o casal se encontra justamente na estalagem de Vila Nova, no lugar onde passaram “a primeira noite depois da fuga.” Gaspar, então um frade crúzio, é chamado para dar os últimos sacramentos a uma cristã que agonizava. E conforme se aproximava do quarto, o frade percebia que a moribunda em questão era Joaquina. O encontro foi fulminante para Gaspar, que morreu no quarto onde um dia provara as “delícias do coração”.

Gaspar, talvez, ainda pudesse de algum modo refazer a sua história, mas preferiu manter a opção pela renúncia e, finalmente, se entrega a morte. O rapaz sofreu por amar

e, sobretudo, desejar uma mulher que não lhe era destinada como sua esposa, afrontado a autoridade paterna. Padeceu por romper com os preceitos sociais, “seduzindo” uma senhora de “heráldicos apelidos” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 139). Morreu vencido pela culpa de ter abandonado a mulher que lhe devotara tanto amor.

Joaquina, lúcida, também procura a morte, ao perceber que a sua única chance de total reabilitação feneceu junto com Gaspar. Prefere morrer a continuar suportando as “agonias mais prolongadas” de uma “vil dependência.” Desiste de lutar por não tolerar mais a repressão, o escárnio e a humilhação que teria de enfrentar para o resto de sua vida. Então desafia pela última vez a sua família, a sociedade e as “leis de Deus”, e no suicídio encontra a sua resposta, o seu desagravo: “Não peço nada a ninguém, não quero nada de ninguém! Quero morrer, porque a minha vingança é morrer!” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 163).

Por meio da infeliz história do casal, Camilo acusa a sociedade pelas tragédias que produz sobre aqueles que não são capazes de lutar ou lutam com os métodos errados. O autor mostrar o que acontecia com quem não admitia ceder, se adaptar, encontrar as brechas existentes para não contrariar a moral vigente. Nos aponta o destino de quem aceitava o jogo da dissimulação e da hipocrisia.

Gaspar de Vasconcelos ousou ultrapassar os limites, embora, por vezes, tenha hesitado frente aos empecilhos e tentado retroceder. Para os homens, daqueles idos, quase sempre era possível voltar atrás. O moço até busca lutar por seu amor, mas não resiste às pressões sociais e acaba por desistir. E, consumido pela culpa e a noção de que não fizera as melhores escolhas, a vida, para ele, passa a ser uma tortura insuportável.

Este abandono, para Joaquina, foi um golpe fatal. Ela prefere morrer a levar uma existência marcada pela infâmia e pelo desprezo, ou terminar recolhida em um convento por toda a vida, destino quase inevitável àquelas que se atreviam a contrariar a moral vigente.

Por isto, não seria acertado considerar esse trágico desenlace somente um final de novela ultrarromântica, menos ainda como um compromisso “mais ou menos tácito

do escritor com a moral cristã⁴ (uma punição exemplar aos pecadores). Conforme o narrador afirma, Camilo aponta-nos a causa:

“Filósofos, religiosos, filantropos e poetas param em volta dos monturos sociais e contemplarem as fezes. E, porque o aspecto da desgraça tem tal qual magnitude, embora repulsiva, os contempladores não esquadrinham de tamanhos efeitos uma causa, ao dizer, insignificante. Pois eu encaro em tudo isto [...] (CASTELO BRANCO, 2005, p.138).

Esse caso de irresistível paixão descrito por Camilo também pode servir como pretexto e/ou convite à discussão sobre a realidade social portuguesa oitocentista. O autor, repetidamente, contesta comportamentos, valores e ideologias, sem, muitas das vezes, apontar os meios mais indicados para solucioná-los. Talvez, por não acreditar que houvesse soluções.

A sua escrita aprofunda e esgota a tal ponto certas questões, que acaba por enveredar em “um espaço que não é mais geográfico ou social, mas simplesmente humano, que os engloba e transcende”(CANDIDO, 1972, p. 115). Talvez isso também justifique a vitalidade e atualidade desse romance e de toda a sua obra.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira (momentos decisivos): 1836-1880**. São Paulo: Martins, 1972.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Amor de Perdição**. Porto: Caixotim, 2006.
- _____. **A sereia**. Porto: Caixotim, 2005.
- _____. Carlota Ângela. In: _____ **Obras Completas**. v. II. Porto: Lello & Irmão, 1983.
- _____. "Prefácio". In: _____. **Amor de Perdição**. Porto: Caixotim, 2006, pp. 09-75.
- COELHO, Jacinto do Prado. **Introdução ao Estudo da Novela Camiliana**. Coimbra: Atlântida, 1946.
- _____. **Introdução ao Estudo da Novela Camiliana**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2001.
- _____. Introdução Geral. In: CASTELO BRANCO, Camilo. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960, pp. 09-62.
- LOPES, Óscar. Claro-Escuro Camiliano. In: **Colóquio Letras**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, pp. 05-24.
- _____. **Ensaio Camilianos**. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 2007.
- MARTHA, M. Cardoso. Cartas de Camilo Castelo Branco, Coleção, Prefácio e Notas. In: CASTELO BRANCO, C. **Obras completas**. v. XVII. Porto: 1994.

⁴Ver: MARTINS, 2005, p. 22.

- MARTINS, Serafina. Efectivamente... Um manuscrito. In: CASTELO BRANCO, Camilo. **A Sereia**. Porto: Caixotim, 2005, pp. 07-23.
- _____. Viagens e paixão funesta no romance camiliano. In: AA.VV. **Camilo – Leituras críticas**. Porto: Caixotim, 2003, pp. 199-212.
- PERROT, Michele. **História da Vida Privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. **Minha história das mulheres**. São Paulo, editora Contexto, 2007
- SANTOS, João Camilo dos. **Os malefícios da literatura, do amor e da civilização: Ensaio sobre Camilo Castelo Branco**. Lisboa: Fim de Século Edições, 1992.
- SEIXO, Maria Alzira Seixo. **O Rio com Regresso – Ensaio Camilianos**. Lisboa: Editorial Presença, 2004.
- SÊNECA, Lúcio Aneu. **Cartas a Lucílio**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.
- SILVA, José Maria da Costa e. **Ensaio Biographico-Critico sobre os melhores Poetas Portuguezes**. t. IX. Lisboa: Imprensa Silviana, 1855.
- SONTAG, Susan. **Doença como metáfora**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

Recebido em: 26 de março de 2015.

Aprovado em: 5 de abril de 2015.